

Misericórdia de Ponte de Lima



Vista panorâmica do conjunto.

INTRODUÇÃO

O complexo da Santa Casa da Misericórdia apresenta um enquadramento urbano, no centro da vila de Ponte de Lima, “intra-muros” à antiga cidade medieval, junto ao percurso a Santiago de Compostela. A sua construção não foi pensada de raiz, mas sim através da aquisição de casas e do hospital medieval pré-existent, e apresenta-se contígua à muralha.

Em relação à actual distribuição programática, é constituído por uma igreja, de nave única, com capela-mor mais baixa e estreita, coro alto e sacristia, por uma farmácia no piso inferior e pelo consistório no primeiro piso. Do outro lado da rua Cardeal Saraiva encontra-se outra parte do complexo da Misericórdia que acolhe, actualmente, a Biblioteca Municipal de Ponte de Lima.

ESTUDO

O desenvolvimento formal do complexo da Misericórdia de Ponte de Lima, do século XV ao XX, foi sempre um jogo de necessidades programáticas, afirmação política social da Irmandade da Misericórdia e seus benfeitores, com principal reflexo na morfologia urbana. Hoje o complexo arquitectónico é caracterizado pelas diferentes estratificações históricas,

directamente relacionado com a compra e utilização dos limites dos lotes já existentes e sobrados de dois pisos. Em alguns espaços, a construção evoluía segundo uma proporção geométrica, onde a utilização do rectângulo de ouro bem como formas geométricas mais simples funcionavam como módulo de aplicação.

No século XV a ocupação de uma pequena casa de sobrado alto, que incluía uma pequena capela, marcou o início do desenvolvimento do futuro complexo da Misericórdia. Em 1444 é construída uma nova Igreja Matriz, em substituição do pequeno templo anterior, e, em 1490, dá-se a fundação do Hospital da Praça, único no interior das muralhas, “medindo de cumprimento 16 varas (17,60m) e de largo pela frente 7 varas (7,70m).” Dispunha de uma única enfermaria, onde eram tratados homens e mulheres, e de uma pequena capela adjacente à muralha no primeiro andar. O Hospital da Praça tinha como função tratar os doentes, os pobres e os peregrinos, prestando auxílio médico e alimentar, ao mesmo tempo que o seu adro servia de cemitério aos pobres.

Em 1530, a Misericórdia de Ponte de Lima é fundada e, em 1551, requer a anexação do Hospital da Praça, justificando a má gestão do mesmo e um

tratamento insatisfatório dos necessitados e dos peregrinos. Sendo esta efectuada a 10 de Agosto do mesmo ano, a Misericórdia prossegue com a compra de edifícios antigos e adjacentes ao existente complexo hospitalar, através de legados e doações. Em 1553, regista-se a primeira obra realizada pela Irmandade, com a mudança e ampliação da Igreja, até então situada no primeiro andar, para o rés-do-chão. Desta época de transformação reconhece-se o portal manuelino, situado por baixo do actual coro, outrora ponto de destaque e acesso ao suposto claustro.

No início de Seiscentos, a igreja da Misericórdia era ainda um salão rectangular, mas na terceira década, foi-lhe acrescentada a capela-mor com despesas pagas por mecenas, Diogo Ferraz, eleito Provedor da Santa Casa da Misericórdia em 1630, sob condição de ele e sua esposa serem sepultados na Capela-mor. Típica herança do Renascimento, era constituída por um espaço rectangular coberto por uma abóbada de berço com caixotões e introduzida por um arco triunfal: esquema típico do Renascimento e presente em igrejas portuguesas, como a de S. Bento da Vitória, no Porto, de 1604-09.

Entre 1648 e 1651, a Irmandade uniu todas as casas adquiridas no século XVI, com uma só enfermaria mista e uma “varanda airosa voltada a norte, firmada em altas e grossas colunas de granito.”

Com a duplicação do número de habitantes em Ponte de Lima entre os séculos XVI e XVIII, o Hospital atingiu a sua capacidade máxima, obrigando a repensar o complexo da Misericórdia e a sua actualização programática. Assistiu-se ao desmantelamento de alguns pontos da muralha e registou-se uma nova dinâmica arquitectónica e urbanística com as grandes remessas de ouro vindas do

Brasil. Contudo, foi providenciada a construção de duas enfermarias distintas no Hospital da Misericórdia; data de 1731, um claustro, uma varanda a norte outra a sul, e a frontaria principal.

Na segunda metade do século XVIII desapareceu o volume de obras e compras para a igreja, sacristia e hospital, uma vez que a situação financeira da Santa Casa da Misericórdia não o permitia. O complexo, na sua máxima extensão, era constituído pela Casa (que integrava o hospital) e pela igreja. A primeira desenvolvia-se num edifício de dois andares, sendo o rés-do-chão destinado às estruturas necessárias para o governo da Casa, como o armazenamento de tulhas para os cereais e lojas para venda de vinho, lenha e palha, com acesso pela frontaria principal. No rés-do-chão do antigo Hospital da Praça, situava-se a casa das tumbas, onde se guardavam os utensílios para os enterros. No primeiro andar estavam instalados o Hospital da Praça, o alojamento dos hospitaleiros e o consistório, este último continua actualmente no mesmo lugar e com a mesma função.

Confirmou-se, através da análise de várias fotografias e relatos escritos, que o complexo se desenvolvia, de facto, ao longo de dois pisos, incluindo o claustro, que servia de acesso ao segundo piso, à sala do Provedor, às enfermarias e à sala de despacho. Pode, também, verificar-se a presença de uma coluna, parte constituinte do claustro, cuja hipotética reconstrução foi possível através de ensaios métricos e geométricos, tendo a vara como unidade de medida craveira. A suposição estilística do claustro derivou de uma aposta na coerência dos estilos ainda presentes das varandas norte e sul, e no episódio do atravessamento da actual rua Cardeal Saraiva, que dividiu o comple-



Alçado da igreja na rua Cardeal Saraiva.

xo em dois, obrigou ao desmantelamento do claustro e redesenho das duas novas fachadas, bem como à redistribuição programática. Alguns dos destroços das arcadas do claustro foram reaproveitadas e identificadas na fachada de um restaurante no monte de Santa Maria Madalena, em Ponte de Lima.

Já no século XX, a avenida Manuel de Oliveira, actual avenida António Feijó, atravessou a cidade com o objectivo de alcançar o rio Lima através da destruição do claustro, dividindo o complexo em duas volumetrias distintas, mantendo-se na sua generalidade ligado à Irmandade da Misericórdia.

O edifício de frente para a actual Igreja Matriz, continua a ser utilizado como Igreja e respectiva sacristia, bem como no primeiro andar permanece o consistório, ficando o rés-do-chão ocupado actualmente por uma farmácia. O edifício do outro lado da rua Cardeal Saraiva já não pertence à Irmandade e, antes de adquirir a actual função de Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, foi armazém da Guarda Nacional Republicana.

CONCLUSÃO

Através da análise de pistas que nos

conduzisse a resultados práticos ou a conjecturas críveis, por analogia ao contexto do gosto artístico e poder económico, chegou-se à situação mais provável. Desta forma, conseguiu-se fazer o cruzamento e sistematizar os dados de inúmeras proveniências numa cronologia capaz de antever um complexo com um claustro de dois pisos: o primeiro destinado à venda ou doação de produtos aos mais necessitados e assistência aos peregrinos que percorriam o caminho de Santiago e, por ali, recuperavam forças; o segundo piso era destinado a enfermarias distintas, para ambos os sexos. Este caso de estudo torna-se, assim, tão mais interessante quanto nos permite conhecer as tradições, a economia, a arte. No fundo conhecer aquilo que nos deu origem e que nos permite reflectir sobre o que somos, enquanto portadores de uma cultura.

CHIARA ORLANDINI,
JOANA FARIA,
JOÃO MARQUES,
PEDRO GIL ALMEIDA,
TIAGO COSTA,
Arquitectos